



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
FACULDADE DE LETRAS – FLET



FRANCISCO PEREIRA DE AMORIM

O ENSINO DOS NÚMEROS EM LIBRAS COMO L2 PARA ALUNOS OUVINTES

MANAUS, AM

2017

FRANCISCO PEREIRA DE AMORIM

O ENSINO DOS NÚMEROS EM LIBRAS COMO L2 PARA ALUNOS OUVINTES

Trabalho apresentado à disciplina
de TCC do Curso de Licenciatura
em Letras Libras da Universidade
Federal do Amazonas – UFAM

Professor: Iranvith Cavalcante
Scantbelruy

MANAUS, AMAZONAS

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

FRANCISCO PEREIRA DE AMORIM

O ENSINO DOS NÚMEROS EM LIBRAS COMO L2 PARA ALUNOS OUVINTES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado no Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Amazonas - UFAM/ Faculdade de Letras – FLET

Aprovado em 13 de Dezembro de 2017

Componentes da banca examinadora:

Prof. Mestre Fabio Tadeu Cabral Stoller

Prof. Mestre Iranvith Cavalcante Scantbelruy

MANAUS, AMAZONAS

2017

RESUMO

A fluência é um fator preponderante em qualquer sistema linguístico oral ou visoespacial como no caso das Línguas de Sinais. Como os numerais em Libras - Língua Brasileira de Sinais também fazem parte de sua composição gramatical e, por ser um sistema completamente complexo e diferente das línguas orais em sua variedade linguística, gramatical e em contextos utilizados por esses números, optou-se em fazer um estudo das dificuldades enfrentadas pelos professores que ensinam Libras como segunda língua para alunos ouvintes no entendimento/uso desses numerais relacionados aos principais parâmetros dessa linguagem na sinalização dos mesmos. Paralelo a esse estudo também investigamos as estratégias utilizadas por esses professores e também propomos metodologias, ou materiais que possam servir como apoio na ministração de suas aulas. Para alcançar tal objetivo foi feita uma pesquisa de campo com questionários com perguntas abertas e aplicados a professores que atuam na área. Tal estudo também foi subsidiado por uma pesquisa bibliográfica com materiais como livros, artigos científicos e outros materiais da internet, com autores que trazem à tona, teorias como Segunda Língua ou Língua estrangeira; Ensino de Libras como Segunda Língua – L2 e Os Numerais em Libras. Os dados obtidos na pesquisa mostraram que existem dificuldades principalmente na realização de um sinal do número ordinal e cardinal. Em relação as estratégias e materiais, estes ainda são insuficientes para se oferecer um ensino de qualidade para esses alunos ouvintes que pretendem ingressar na área por razões profissionais, familiar ou como opção de aprendizagem de segunda língua. Também se constatou que os materiais didático-pedagógicos são insuficientes e, então, se propôs materiais tecnológicos que ajudarão nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Números, Libras, Segunda Língua.

¹ Discente: Licenciado em Matemática pela Universidade Federal do Amazonas, Brasil (1999). Formando em Licenciatura em Letras - Libras pela Universidade Federal do Amazonas, Brasil (2018).

² Orientadora: Mestra em Educação pela Universidade Federal do Amazonas, Brasil (2015). Professora Titular da Universidade Federal do Amazonas, Brasil.

ABSTRACT

Fluency is an important factor to any visual oral language system or visual and special system language as Signal Language case. As much as numbers in Libras – Brazilian Signals Language, they also are part of its grammar composition and because they are a complex system totally different from oral language about linguistic variety and the context used through this numbers, we choose get a study of difficult faced by teachers who teach Libras as a second language to listeners students through knowledge /use of these numbers related to this language main parameters in own signaling. Parallel to this study we also investigate teachers used strategies as well we proposed resources and methodologies which can serve as support to their achievement classes. To reach this goal it was made a field research which included a questionnaire with open questions, applied to teachers who act in this area. The study was subsidized by bibliographic with books, scientific searches, and internet internet materials, with authors who brings up theories like Second Language Theory and Foreign Language. The obtained data, through research show that exist difficult mostly related to achievement of an ordinal and cardinal numbers. With relation to strategies and materials, they are insufficient to offer a quality teaching to listener students who intend act in this area by professional, familiar or second language learning reasons. We also verified pedagogical and didactic materials are insufficient, so we proposed technological materials that can help process.

KEY-WORDS: Numbers, Brazilian Signals Language, Second Language.

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais-Libras possui uma gramática própria, segundo Felipe (2001a), os sinais são formados a partir de combinações das mãos em certo formato em um determinado espaço, podendo esse lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Essas junções das mãos, que podem ser comparados aos fonemas, e às vezes aos morfemas, são chamados de parâmetros. De acordo com Felipe (2001b), os parâmetros da Língua Brasileira de Sinais são: Configuração das mãos, ponto de articulação, movimento, orientação/direção, expressão facial e/ou corporal.

Alguns parâmetros como configuração de mãos, movimento e expressão facial, são importantes na realização de um sinal numérico em Libras. Quando um desses parâmetros é feito de modo incorreto, o sinal formado pode ter sido usado num contexto errado por exemplo, o parâmetro movimento se utilizado de maneira indevida, um número cardinal pode ser entendido como ordinal, visto que os sinais ordinais são realizados com a mão em movimento, enquanto que os cardinais não.

Pensando nesses fatores que podem dificultar o ensino dos numerais em Libras, e conseqüentemente, o aprendizado, surgiu a necessidade do estudo dessas dificuldades que ocasionam o mal entendimento/uso desses numerais em Libras como L2.

Verificou-se também as estratégias de ensino dos números em Libras como L2 pelos professores que ensinam em Instituição que oferece curso livre, visto que a disciplina de Libras ainda não faz parte do currículo escolar nas escolas de Manaus.

Tal investigação é de grande relevância para o ensino dos números em Libras aos alunos ouvintes, já que a comunicação é um fator primordial para o desenvolvimento humano tanto para o aluno surdo quanto para o aluno ouvinte que pretende aprender uma segunda língua por razões profissionais, acadêmicas ou relação família/surdo e, para tanto, corroboramos com Gesser (2012, p.45), quando afirma o interesse de se aprender essa segunda língua:

Nos últimos anos, todavia, já é possível ver uma oferta um pouco maior nas universidades públicas e privadas, em cursos livres de extensão. Nesse cenário, os ouvintes iniciam o contato com a LIBRAS por razões familiares (para melhor se comunicar com um parente surdo), profissionais (para ser intérprete e/ou ser professor bilíngüe), ou por serem *aprendizes de outras línguas* (curiosos e/ou amigos de surdos).

A pesquisa teve como objetivo identificar as dificuldades do ensino dos numerais em Libras como L2 para alunos ouvintes e também analisou as estratégias de ensino propondo novas metodologias que objetive sanar tais dificuldades.

Tal estudo usou como base não só uma pesquisa bibliográfica, através de uma revisão teórica feita com materiais da internet, livros próprios do pesquisador, mas também, uma pesquisa de campo numa abordagem qualitativa que, segundo Paulilo (1999, p.135), “[...] a investigação qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para compreensão de fenômenos”, assim como tem o intuito de alcançar os objetivos propostos.

Como instrumento de pesquisa, na coleta de dados, foram utilizados questionários com questões abertas, que segundo Fachin (2013, p.163), são aquelas que dão condição ao pesquisador de discorrer espontaneamente sobre o que se está questionando e cujas respostas são de livre deliberação, sem limitações e com linguagem própria.

Foram entrevistados cinco professores que ensinam Língua de Sinais como L2, sendo três professores ouvintes e dois professores surdos. Os questionários foram direcionados aos professores que trabalham no Ensino de Libras como L2 para alunos ouvintes em uma escola que oferece curso livre de Libras, no último semestre do ano de 2017.

Inicialmente, foram feitas perguntas em relação a formação de cada docente, área e tempo de atuação como professor de Libras como L2. A seguir, foram direcionadas perguntas sobre o Ensino dos Parâmetros da Libras (configuração de mão, movimento e expressão facial); sobre o ensino com foco centrado na gramática ou no ensino comunicativo. Também foram feitas perguntas quanto ao uso de materiais didáticos pedagógicos ou estratégias que os professores utilizam em suas aulas para facilitar essa aprendizagem. A participação de cada colaborador foi condicionada ao livre consentimento e conforme a resolução de número 466 do Conselho Nacional de Saúde.

A LIBRAS, O ENSINO DE L2 E OS NUMERAIS

A Língua Brasileira de Sinais, vem adquirindo status na sociedade brasileira não somente pelas lutas das comunidades surdas, mas principalmente, por outros motivos como a

questão da legalidade/oficialização da Libras como língua natural do povo surdo e sua implantação na grade curricular dos cursos de licenciatura e fonoaudiologia; na formação da docência e em segunda instância, devido a proposta bilíngue que propõe ao ouvinte o interesse por aprender essa língua, seja por razões pessoais como ajudar um parente surdo, ou aprender/adquirir uma L2 ou por razões profissionais.

A referida língua foi oficializada pela Lei No. 10.436 de 24 de abril de 2002 e foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão do povo surdo e também de outros recursos a ela associados, conforme afirma o artigo 1º, Parágrafo Único da referida Lei:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras, a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Essa Lei foi regulamentada pelo Decreto No. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulariza a inclusão da Libras como disciplina na grade curricular em cursos de formação de professores, a nível médio e superior, e em outros cursos como Fonoaudiologia em instituições públicas e privadas, e também dá providências sobre a formação do professor e do intérprete de Libras.

Tais leis tornaram a Libras não só como Língua reconhecida no Brasil de uso da Comunidade Surda, mas também, foram marcos culminantes das lutas da comunidade surda em prol de seus direitos como cidadãos, garantindo o empoderamento das pessoas surdas. Segundo tais leis, todas as esferas da sociedade devem adequar-se à inclusão e fomentar cursos de graduação que formem profissionais para atender essa demanda, tanto intérpretes quanto professores.

Com o advento da Língua Brasileira de Sinais através do amparo legal das leis citadas acima, houve a necessidade de formação de profissionais da área culminando na criação do Curso de Licenciatura em Letras - Libras na modalidade de educação à distância, conforme corrobora Dall’Alba & Sarturi (2014, p.3):

O curso foi especialmente projetado para profissionais da área de surdez e da Educação de Surdos. O documento com a proposta do curso de graduação em Letras/Licenciatura: Habilitação em Língua Brasileira de Sinais apresenta, em quarenta e sete páginas, os detalhes para realização desse curso, considerado o primeiro curso de graduação de Letras/Libras na modalidade de educação à distância, portanto, inédito. O referido Curso, da turma 2006, foi ofertado para nove Pólos, localizados em Instituições de Ensino Públicas Federais do Brasil.

Na gênese dos cursos na área de língua de sinais, mais precisamente a Libras, surge a necessidade de metodologias voltadas para essa área ainda tão carente de recursos e materiais

didáticos. Conforme Gesser (2012a), existe uma angústia ocasionada pela ausência de materiais didático-pedagógico próprios que garantam um repertório de delineamento de ordenação de conteúdo da língua que sirva como alicerce para os cursos mais avançados.

A partir daí, o estudo de teorias de ensino e aprendizagem de línguas de sinais foi fundamental para a formação de profissionais da área e tudo o que se tinha era materiais voltados para o estudo das línguas orais. Concordamos com Gesser (2012b) quando afirma que, o trabalho dos professores/instrutores surdos vem sendo construído de forma bastante intuitiva e com base em modelos de professores de línguas que eles tiveram quando ainda alunos.

ENSINO DE LIBRAS COMO L2.

O termo L2 ou LE (Língua estrangeira) parece à primeira vista, soar confuso. Na realidade, existe sim uma confusão relacionado a essas siglas. Quando falamos a língua portuguesa e aprendemos a língua inglesa, esta é definida como L2 ou LE? No Brasil, por exemplo, se um brasileiro aprende a Língua Tupi-guarani, está será uma L2 ou LE? E o que dizer do povo surdo quando está aprendendo a Língua Portuguesa, ele está aprendendo uma L2 ou uma LE? Veja o que afirma Gesser (2010, p.09):

(...) quando se começa a estudar contextos de minorias e contextos bi/multilíngue, tais definições parecem conturbar esse entendimento. E por que isso ocorre? Por que o *status* da língua não deve ser definido apenas em relação à língua oficial ou nacional de um País, e sim, a partir das perspectivas do usuário, em suas respectivas comunidades de fala. No cenário brasileiro temos a Língua Portuguesa como primeira língua (L1) da maioria dos indivíduos, mas no caso dos surdos, trata-se de uma língua segunda (L2). O mesmo pode proceder para algumas etnias indígenas e para imigrantes alemães, italianos e japoneses, por exemplo.

Nesse contexto, segundo a autora, o status da língua deve ser definido a partir de uma perspectiva do usuário da língua dentro da sua comunidade onde ele vive e não a partir da língua oficial ou nacional de um país. Então, neste estudo adotou-se o termo L2 do ponto de vista da autora utilizando a aprendizagem de L2 para alunos ouvintes aprendendo Línguas de Sinais como segunda língua.

Sabe-se que existem diversas abordagens de ensino de línguas, diversos modelos de aprendizagem, estilos e estratégias, crenças sobre a natureza da Libras ou sobre aprender Libras. Contudo, é sabido que não existe uma maneira correta de ensinar ou aprender uma Língua, como se existisse uma “fórmula mágica” para fazer isso, adotaremos nesta pesquisa uma perspectiva fundamentada no ensino comunicativo com base no que afirma Brown (1994, apud

GESSER, 2012c) que o ensino centrado no aprendiz, orienta as técnicas que o professor utiliza no seu currículo de forma ampliada; o professor trabalha as necessidades dos alunos e também os estilos de aprendizagem de cada um. A aprendizagem cooperativa presume um ambiente de sala de aula onde o trabalho em grupos é o principal fator dessa aprendizagem. A aprendizagem interativa é aquela onde o aluno interage, através de atividades em grupo, estimuladas para promover um espaço de intercâmbio linguístico espontâneo. Na educação da língua como um todo, a língua não deve ser ensinada de maneira isolada; deve-se criar situações e/ou contextos reais para o ensino da mesma. Já a educação centrada no conteúdo é que dita as formas e sequências linguísticas, e a língua passa a ser o meio cuja finalidade vai além da proficiência linguística. Em relação a aprendizagem baseada em tarefas, estas têm um caráter que visa, em primeira instância, à comunicação; criam-se situações que solicitem informações, como por exemplo, dar instruções, fazer solicitações no trabalho e na escola, relatar ou contar uma história, entre outros.

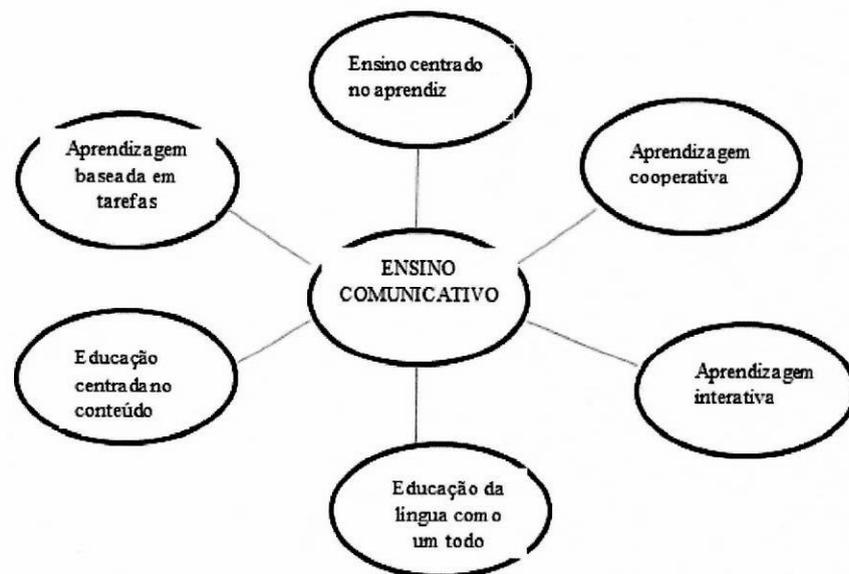


Figura 1. Diagrama de Brown
Fonte: Brown (1994, apud GESSER, 2012d, p.124).

Baseado no que diz Gesser (2012e), o professor precisa saber como motivar o aluno ouvinte, sensibilizando-o para o mundo visual que se apresenta na Língua de Sinais, trabalhando um repertório de questões, com intuito de sensibilizar também os alunos ouvintes para um novo olhar diante da realidade do povo surdo. Então, os professores deverão propiciar

momentos de debates, por exemplo, convidando outros surdos e intérpretes para contarem suas experiências de vidas, ou ainda convocar os alunos ouvintes para realização de pequenos projetos com objetivo da socialização entre todo o conjunto e também promover conversas entre educadores e a família do surdo.

Falando um pouco sobre como ensinar vocabulário em Libras, Gesser (2012f) diz que um aprendiz de sinais, além de ter que conhecer o léxico do sinal, precisa entender as outras partes do funcionamento da língua para então incorporar as outras porções do discurso. Segundo ainda a autora, ao ensinar o vocabulário da Libras o professor deve fazê-lo do seguinte modo: 1) Devotar tempo ao ensino de vocabulário da língua de sinais, porém, não fazê-lo em toda sua aula, pois a aula de Libras vai muito mais além do que memorizar listar de palavras isoladas; 2) Contextualizar os sinais é importante mais de forma que os alunos saibam o contexto estrutural, na sentença, e estrutural, no uso; 3) Estimular a adoção de um dicionário bilíngue, pois o aluno precisa ter autonomia e senso de investigação; 4) encorajar o aluno a desenvolver estratégias, visto que o aluno precisa entender o que o professor está sinalizando, usando para isso, comparações, associações, mímicas, entre outros; 5) Envolver-se com situações não planejadas de ensino do vocabulário, trabalhando com o vocabulário solicitado pelo aluno, oportunizando sua necessidade individual.

E como se dá o ensino da gramática da Libras? Gesser (2012g), pondera que ao ensinar a gramática deve-se levar em consideração alguns pontos primordiais. A gramática deve ser abordada de modo que contemple situações de comunicação. Por exemplo, quando se fala de incorporadores na Libras, deve-se pensar em técnicas que promovam o uso de tal elemento gramatical em situações contextuais. Um bom exemplo de atividades que promovam essa aprendizagem são os gêneros escritos com recursos visuais como as charges, tirinhas, quadrinhos, entre outros, pois para a autora esses gêneros denotam um caráter divertido e visual ao aprendiz ouvinte que irá estabelecer as devidas relações. Esses gêneros textuais podem reforçar a promoção de situações de uso dos sinais, criar momentos onde os alunos possam praticar a Libras, não ficando restritos apenas às definições de regras da gramática.

Em relação a datilologia, Gesser (2012h) afirma que, o professor deve ensiná-la, levando-se em consideração ao nível de proficiência do aluno e com alunos já alfabetizados, visto que datilologar significa fazer uma correlação do alfabeto da língua portuguesa. O professor poderá trabalhá-la de forma isolada, porém, o ideal é oportunizar contextos de interação com repertórios discursivos da Libras. O professor pode, por exemplo, ao trabalhar o

alfabeto manual paralelo ao uso das configurações de mãos, mostrando assim que elas representam partes da constituição fonológica da Libras e o alfabeto manual como sendo uma representação das letras da língua portuguesa. Pode-se também, ensinar esse recurso da Língua Brasileira de Sinais de maneira lúdica ou descontraída, por exemplo, utilizando-se personagens de desenhos animados, onde poderá ser trabalhado as características físicas e nomes próprios das figuras.

OS NUMERAIS EM LIBRAS.

Os números em Libras são utilizados na comunidade surda em diversos contextos, como por exemplo, no sistema de medidas, nos dias da semana, mês ou ano; para se indicar horas, valores monetários entre outras utilidades. Na Língua Brasileira de Sinais, os números são divididos em quatro tipos: Cardinais, Ordinais, Quantificadores e Valores, todo sistema linguístico tem diferentes maneiras de apresentar seus numerais, o mesmo ocorre na Língua de Sinais com os numerais cardinais, ordinais, quantitativo e valores. Assim, como o aprendiz precisará ser fluente na língua alvo, como acontece nas Línguas Orais, a fluência também está presente nessa variedade linguística de Libras. Às vezes, o mal uso de um sinal pode acarretar um dano irreversível de entendimento do mesmo no contexto. Uma configuração de mão mal utilizada também acarretará um dano à sinalização, para isso, concordamos com o que afirma Figueira (2011a):

É erro o uso de determinada configuração de mãos para o numeral cardinal, sendo essa utilizada em um contexto em que o numeral é ordinal ou uma quantidade. Por exemplo: o numeral 1 é diferente da quantidade 1, como em LIVRO 1, que é diferente de PRIMEIRO-LUGAR, que é diferente do numeral PRIMEIROS, que é diferente de PRIMEIRO-ANDAR, que é diferente de PRIMEIRO-GRAU, que é diferente de MÊS-1.

Quando se fala de números em Libras, também deve-se tomar o cuidado com a variação regional da Libras, pois existem regiões brasileiras, onde essa variação se faz presente, Pimenta; Quadros (2013a) exemplificam alguns desses números e sua variação em duas grandes capitais brasileiras:

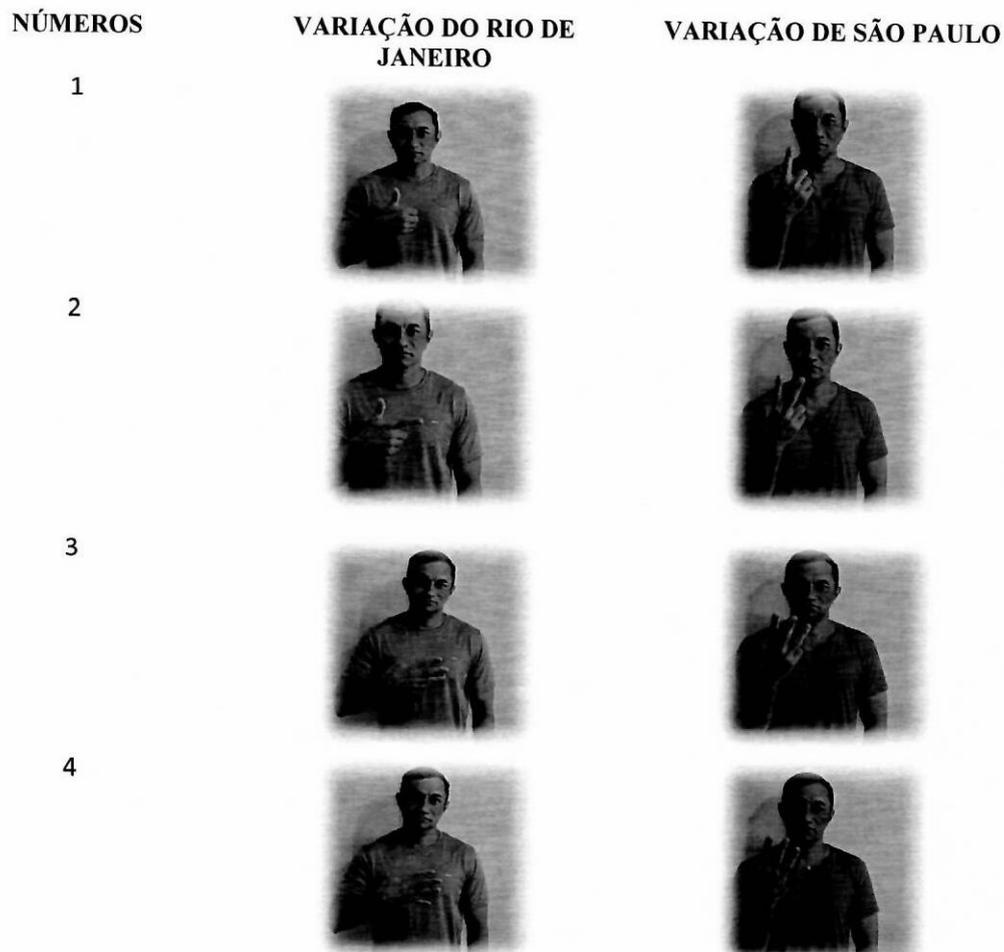


Figura 2. Variação Regional dos números de 1 até 4, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.
 Fonte: Autor (2017) baseado em Pimenta; Quadros, (2013, p.38)

Observem como esses numerais diferem de um estado para o outro. O número 1 e o número 2 diferem quanto ao uso dos dedos, no primeiro caso são utilizados os dedos polegar e indicador respectivamente, já os números 3, 4 e 5 diferem apenas em relação aos dedos na direção vertical ou horizontal.

Em relação aos números cardinais Pimenta; Quadros (2013b), afirmam que tanto eles quanto os números de quantidades possuem uma regra, em relação ao parâmetro movimento, palma da mão e posição/rotação, ou sinalização com dedos específicos das mãos e também se deve tomar bastante cuidado quando se vai apresentar o sinal de um número, pois os sinais devem estar de acordo com os parâmetros da Libras. As regras são as seguintes: Para os números cardinais, nas dezenas, a mão fica sem movimento, isto é, parada. Os números de 1 até 4 em relação à palma da mão, esta deve estar virada para o corpo do sinalizador. Os números de 2 e 7 divergentes apenas na posição do dedo polegar. Se o sinalizador usar um ou mais zeros à esquerda do número, este deverá rotacionar pulso, por exemplo, os números 01, 07. Já os

números que possuem dígitos repetidos, por exemplo, 11, 22, 33 e 77 deverão ser sinalizados com o dedo indicador apontado para frente e vibrando com movimento não repetitivo. Observe conforme a figura abaixo que os números cardinais não possuem movimento.

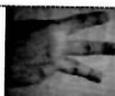
| | | | |
|---|---|---|---|
| Zero | um | Dois | Três |
|  |  |  |  |
| Quatros | cinco | Seis | Sete |
|  |  |  |  |
| Oito | nove | Dez | |
|  |  |  | |

Figura 3. Os números cardinais
Fonte: Autor (2017)

A cerca dos numerais ordinais do primeiro número até o número nove a configuração é a mesma que a dos cardinais, porém, os cardinais se diferenciam dos ordinais em relação ao parâmetro movimento. Segundo Figueira (2011b), os números ordinais do primeiro ao quarto têm movimentos verticais, enquanto que os ordinais do quinto ao nono têm movimentos horizontais e, a partir do número dez não existe diferença entre os números cardinais e ordinais.

| | | | |
|---|---|--|---|
| | primeiro | segundo | terceiro |
| |  |  |  |
| quarto | quinto | sexto | sétimo |
|  |  |  |  |
| oitavo | Nono | Décimo | |
|  |  |  | |

Figura 4. Os números de ordem
Fonte: Autor (2017)

Com base no que afirma Capovilla (2017), a realização do sinal de alguns números ordinais, por exemplo, o ordinal sete (sétimo) em relação aos parâmetros da Libras é feita do seguinte modo: Mão em 7, uma variação de Alagoas: balançar a mão para a esquerda e para a direita e também ordinal oito (oitavo), uma variação do Rio de Janeiro: Mão em 8, balançando para cima e para baixo. Então, podemos constatar que esses numerais têm movimentos horizontais e verticais afirmando mais ainda o que já foi dito anteriormente. Mas vejam que Capovilla e Figueira diferem quanto ao sinal do ordinal oito em relação ao movimento vertical ou horizontal.

Pimenta; Quadros (2013c), afirmam que os números que representam as quantidades de 1 até 4 são sinalizados assim: o número 1 com um dedo indicador; o número dois com os dedos indicador e médio; o número 3 com os dedos indicador, médio e o anelar; o número 4 com os dedos indicador, médio, anelar e mínimo voltados para cima. Em relação as quantidades de 5 até 10 serão sinalizadas com a mesma configuração de mão usada para os números cardinais. Porém, de acordo com a variação regional, esses dedos podem estar voltados também para os lados conforme a figura 3, mostrada no início deste trabalho. No estado do Rio de Janeiro os números de 1 até o 4 estão voltados para o lado, enquanto que no estado de São Paulo, estes mesmos números estão voltados para o lado. Também se deve levar em consideração a posição das mãos voltadas para o sinalizador ou a posição das mãos voltadas para quem se sinaliza.

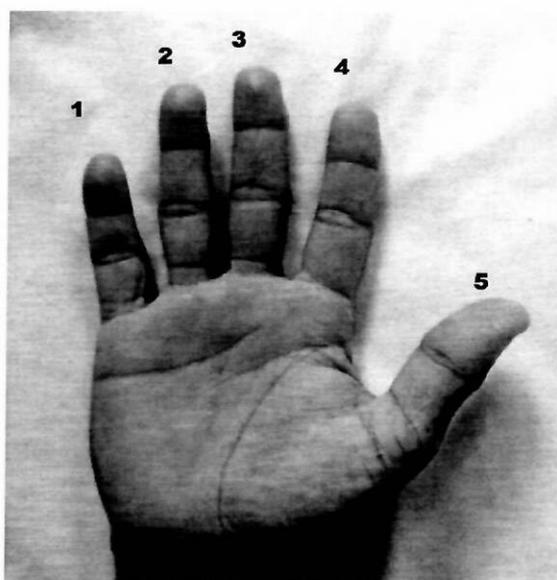


Figura 5. Dedo polegar (5); Dedo indicador (4); Dedo médio (3); Dedo anelar (2) e Dedo mínimo (1)
Fonte: Autor (2017) baseado em Google Imagem. Acessado em 15/11/2017 às 15: 22h

A respeito do numeral de valor utiliza-se o sinal que corresponde a esse valor acrescido do sinal de vírgula ou o sinal de ponto dependendo do valor numérico e movimentos rotativos, também há uso em alguns casos de uma leve expressão da face, conforme corrobora Figueira (2011a), na Língua Brasileira de Sinais, para representarmos os numerais de valores, do número 1 até o número 9, utilizamos o sinal do número correspondente ao valor e a seguir incorporamos o sinal da VÍRGULA, com pequenos movimentos rotativos. Também podem ser usados os sinais de número seguido do sinal soletrado R para real. Nos valores que vão de 1 mil até 9 mil, deve-se também ser incorporado o sinal vírgula, porém, com movimento de incorporação mais longo que para os valores anteriores. Também podem ser utilizados os sinais dos números correspondentes seguidos de PONTO. Conforme ainda Figueira (2011b), para os valores acima de 1 milhão, deve-se utilizar a incorporação do sinal VIÍRGULA com o número correspondente, sendo o movimento de rotação mais longo que em 1 mil. Também pode-se notar uma gradação acentuada na expressão facial no movimento da vírgula, que é maior e mais acentuado. Quando se utiliza a unidade de medida “centavos”, em relação ao sinal da vírgula, esta vem após o sinal ZERO, porém, na maioria dos casos, não há necessidade de se acrescentar o sinal ZERO, pois o contexto deve esclarecer sendo que estes valores para centavos ficam os mesmos que para os números cardinais.

Então, observamos aqui o quanto é importante não só a incorporação da vírgula e o ponto na formação do sinal para número de valores, mas também, o movimento de rotação e, principalmente, a expressão facial para valores acima de um milhão.

RESULTADOS.

Inicialmente foram feitas perguntas aos entrevistados sobre tempo de atuação no Ensino de Libras como L2 para alunos ouvintes. Observou-se na pesquisa que o tempo de atuação na área varia entre seis e dezesseis anos de experiência. A seguir, foram direcionadas perguntas a respeito da formação profissional de cada professor e constatou-se que a maioria dos professores possui graduação em Pedagogia com especialização em Ensino de Libras ou Educação Especial. Dos cinco professores entrevistados apenas um deles possui mestrado. Também existem professores com outra graduação em Letras Libras ou cursando essa graduação.

Tabela 1. Metodologia com foco no ensino gramatical ou comunicativo

| PROFESSORES ENTREVISTADO | ENSINO FOCO EM REGRAS GRAMATICAIIS | ENSINO FOCO NA COMUNICAÇÃO | ENSINO FOCO NA GRAMÁTICA E COMUNICAÇÃO |
|--------------------------|------------------------------------|----------------------------|--|
| X | ✓ | | |
| Y | ✓ | | |
| Z | | | ✓ |
| W | | | ✓ |
| K | | ✓ | |

Fonte: Autor (2017)

Com relação à Metodologia de ensino usada em suas aulas, dois professores responderam que a ministração das aulas é baseada em regras gramaticais (professores X e Y), um professor com foco na conversação (professor K) e outros dois responderam que utilizam um pouco de cada (professor W e Z). A respeito do regionalismo na Libras, a maioria dos professores respondeu que ensinam as diferenças regionais da Libras aqui do Amazonas e de outros lugares do Brasil.

Tabela2. Parâmetros da Libras mais utilizados na sinalização de um numeral e Variação Regional

| PROFESSORES | CONFIGURAÇÃO DE MÃOS | MOVIMENTO | EXPRESSÃO FACIAL | VARIAÇÃO REGIONAL |
|-------------|----------------------|-----------|------------------|-------------------|
| X | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ |
| Y | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ |
| K | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ |
| W | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ |
| Z | ✓ | ✓ | ✓ | ✓ |

Fonte: Autor (2017)

Em relação aos parâmetros mais utilizados na realização de um sinal numérico em Libras, todos os professores foram unânimes em responder que trabalham esses parâmetros da Libras dentro do contexto do Ensino dos Numerais. Também foi verificado que a maioria dos professores trabalha a contextualização dos Numerais em Libras como L2. Em relação ao ensino das diferenças entre os numerais cardinais, ordinais, quantidades e valores foram analisados que todos os entrevistados focam no ensino dessas diferenças.

Tabela3. Números em Libras

| PROFESSORES | CARDINAIS | ORDINAIS | QUANTIDADES | VALORES |
|-------------|-----------|----------|-------------|---------|
| X | | | | |
| Y | ✓ | ✓ | | |
| K | | | | |
| W | ✓ | ✓ | | |
| Z | | | | |

Fonte: Autor (2017)

A cerca das dificuldades de ensinar os números em Libras como L2 para alunos ouvintes, dois dos professores entrevistados responderam que não têm dificuldades (professores X e Z), os outros dois responderam que têm dificuldades (professores Y e W) no ensino de números cardinais e ordinais, porém, não especificaram qual o tipo de dificuldade, se são dificuldades em relação aos movimentos, à configuração de mãos ou à expressões faciais, e um professor não respondeu coerentemente a pergunta.

Tabela4. Materiais de apoio ao ensino dos números em Libras.

| PROFESSOR | POSSUI MATERIAL (APOSTILAS, CDS, ENTRE OUTROS) | NÃO TEM (PRODUZEM MATERIAL PRÓPRIO) |
|-----------|--|-------------------------------------|
| X | | ✓ |
| Y | ✓ | |
| K | | ✓ |
| W | | ✓ |
| Z | ✓ | |

Fonte: Autor (2017)

No que concerne à utilização de materiais que auxiliam no ensino dos numerais em Libras, a tabela 4 mostra que alguns dos professores disseram que a instituição não possui material para ensinar (professores K, W e X) e que na maioria das vezes usam material próprio. Dois dos professores responderam que a instituição produz o material como apostilas (professores Y e Z) quando questionados a respeito de locais para estudo, biblioteca, a professora Z respondeu que existe biblioteca, mas que é pouco utilizada. Já a professora K, respondeu que sim, exceto material em mídia e livros de estudantes e que o planejamento das aulas é feito junto com o professor e o corpo pedagógico (professores surdos X e Y) ou em outros casos cada professor faz seu planejamento (professores ouvintes Z, K e W).

Tabela5. Equipamentos tecnológicos de apoio ao ensino dos números em Libras

| PROFESSORES | MATERIAIS TECNOLÓGICOS (PROJETOR DE SLIDES; COMPUTADOR, ENTRE OUTROS). | NÃO POSSUI (usa equipamento próprio). |
|-------------|--|---------------------------------------|
| X | | ✓ |
| Y | ✓ | |

| | | |
|---|---|--|
| K | ✓ | |
| W | ✓ | |
| Z | ✓ | |

Fonte: Autor (2017)

Quando questionados a respeito de materiais tecnológicos, quatro professores (Y, K, W e Z) afirmaram que a escola/instituição possui esses equipamentos para ensino e um dos professores (X) respondeu que a escola não possui e que usa seus próprios equipamentos.

DISCUSSÃO DOS DADOS.

Os resultados encontrados no estudo sugerem que existe uma tenra dificuldade no Ensino de Numerais em Libras como L2 para alunos ouvintes, tanto por parte dos professores surdos quando por parte dos professores ouvintes, conforme relataram os professores Y e W, e que existe uma carência de materiais para o ensino de Números em Libras como L2, pois nem sempre a instituição produz esse material ficando a cargo do professor, conforme relatou o professor A, quando foi questionado sobre isso: “A instituição não disponibiliza materiais didáticos como apostilas ou jogos próprios para o Ensino de Numerais em Libras como L2”.

Os resultados parecem apontar que embora a maioria dos professores não encontrem dificuldades de ensinar os Numerais em Libras, os dados parecem confirmar os resultados do estudo no sentido de que existem dificuldades no ensino desses numerais em Libras como L2, principalmente, quando se ensina os números cardinais e ordinais, embora essas dificuldades não tenham sido especificadas pelos professores, isto é, se a dificuldade está no uso do movimento, de configurações de mãos erradas, ou em último caso, de expressão facial.

Certa vez quando assistíamos a uma apresentação em um curso de Libras para alunos ouvintes em turmas de Libras Básico com cerca de duzentas horas com um dos professores entrevistados observamos que alguns alunos apresentaram sinais com configurações erradas, ou sinal de um número cardinal quando era de quantidade. Isto nos leva a duvidar sobre o seguinte fato: Será que o aluno está sinalizando como o professor ensinou? Ou será que o aluno aprendeu de forma certa e está sinalizando de maneira “desleixada”? Pesquisas futuras deverão ser realizadas com foco na aprendizagem de Numerais em Libras como L2 para alunos ouvintes que possam responder a tais questionamentos.

Em relação aos números de quantidades, não foram constatadas nenhuma dificuldade pelos professores pesquisados, conforme afirma Pimenta; Quadros (2013d) com relação aos dedos estarem voltados para cima, para baixo, palma da mão voltada para dentro ou palma da mão voltada para fora. Há de se convir que existam pessoas que sinalizam esses números da primeira maneira e há outras que sinalizam de outro modo. Então, se deve pensar até que ponto essa sinalização está certa ou errada? Isso é uma variação ou falta de fluência linguística? Os professores ensinam de maneira errada ou é um modo “desleixado” de se ensinar?

Talvez os resultados de nossa pesquisa fossem mais conclusivos se o estudo fosse feito com foco na aprendizagem dos alunos ouvintes, visto que a maioria dos professores declarou não ter dificuldade em ensinar Numerais em Libras como L2 para alunos ouvintes.

Algumas das limitações para esse estudo foram o tempo administrado para a pesquisa, o encerramento do ano letivo na maioria das instituições e a quantidade de professores entrevistados. Compreende -se que esse tipo de questionamento também serve como base para futuras pesquisas na área.

Em relação à falta de material pedagógico de apoio às aulas segundo relatos dos professores pode-se considerar que está de acordo com o que descreve Gesser (2012a) sobre essa carência de apoio ao ensino de Libras para alunos ouvintes. Nesse sentido, isso vem a corroborar com um dos objetivos desta pesquisa que é propor estratégias para a produção ou uso desse tipo ferramenta de ensino. A confecção de slides que trabalhassem as configurações de mãos, os movimentos e expressão facial, assim como também, o regionalismo e também, o uso de aplicativos, como o Hand Talk, o Prodeaf, Libras IFZN, etc., que são aplicativos que os professores podem baixar facilmente para seus aparelhos celulares ou tabletes e através de um cabo específico poderia projetar em um projetor de slides e mostrar esses numerais de maneira mais clara. Seriam ótimas estratégias para se ensinar esses numerais em Libras como L2 para alunos ouvintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Concluindo o nosso estudo acerca do Ensino dos Numerais em Libras como segunda língua para alunos ouvintes, podemos afirmar que, os objetivos foram alcançados, mesmo que de maneira superficial. Denotamos que existe certa dificuldade no ensinamento desses numerais em Libras quando se ensinam os números cardinais e ordinais, assim como a variação regional que dificulta mesmo que de maneira insipiente.

Em relação às estratégias utilizadas pelos professores, relacionamos ao modo de como eles ensinam os parâmetros da Libras e a variação regional e todos foram unânimes em afirmar que trabalham dentro da gramática da Libras em consonância com a variação regional, mas que existe carência de materiais e equipamentos tecnológicos que facilitem ou ajudem no processo de ensino e aprendizagem. Assim, propomos algumas estratégias metodológicas para melhorar o trabalho do professor em sala de aula como utilizar slides, aplicativos específicos que possam mostrar de forma clara os parâmetros da Libras dentro da sinalização desses numerais, os movimentos, vertical e horizontal, visto que a sinalização em 3D (terceira dimensão) facilita a visualização do sinal numérico em Libras. Mesmo não mostrando dificuldades em ensinar os números quantitativos ou números percebemos não só em nossa pesquisa bibliográfica, mas também dentro da comunidade surda que existem algumas diferenças na realização destes quanto ao posicionamento da palma da mão para frente ou para trás. Será uma variação, será um “desleixo do professor”, ou o modo próprio do indivíduo sinalizar? Aqui temos uma situação para possíveis pesquisas sobre o assunto.

Acreditamos também que, alguns fatores dificultaram nossa pesquisa como tempo, finalização de período letivo, e entrevistas com foco somente no professor, venham a colaborar para futuras pesquisas na área do ensino/aprendizagem de números em Língua Brasileira de Sinais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto n. 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Congresso Nacional, 2005.

BRASIL. **Lei n. 10.436**. Regulamenta a Língua Brasileira de Sinais – Libras, de 24 de abril de 2002. Brasília: Congresso Nacional, 2002.

BROWN, H. D. **Teaching by principles: An interactive approach to language pedagogy**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall Regents, 1994,

DALL'ALBA, Carilissa; SARTURI, Cláudia de Arruda: **Letras/Libras. Curso Superior Inédito da América Latina**. Centro Virtual de Cultura Surda. Revista Virtual de Cultura Surda. Ed. No. 14 de setembro de 2014 – ISSN 1982-6842. Editora Arara-Azul. Disponível em: Acessado em 05 nov. 2017,9h.

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D.; TEMOTEO, J.G.; MARTINS, A.C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, p.2003, 2577. 2017.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5ª Edição. Editora Saraiva. 2013. p. 163. São Paulo.

FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto: Curso Básico**, livro do estudante/cursista – Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. Brasília. 2ª Edição. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. 2001. p. 20.

FIGUEIRA, Alexandre dos Santos; **Material de Apoio para o Aprendizado de Libras**. Phorte Editora; 2011.p. 69, 69,70. São Paulo

GESSER, Audrei. **O Ouvinte e a Surdez**. Sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo. Parábola Editora. 2012.

_____, _____. **Metodologia de Ensino em LIBRAS com L2**. Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina. 2010. p. 09. Santa Catarina.

PAULILO, M. A. S. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. SERV. SOC. VER., Londrina, V. 2, N. 2, p.135, jul. / dez. 1999.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice. Muller. **Curso de Libras**. 5ª Edição. LSB Vídeo. 2013. p. 37, 38. Rio de Janeiro.